

# Histórias de Faxinais

Volume 2



**m**  
**ae**

museu de  
arqueologia  
e etnologia  
UFPR

*Editora*  
UFPR



Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

*Histórias de*  
**Faxinais**  
*Volume 2*

Liliana Porto (org.)

Ilustrações: Felipe Sousa

*Editora*  
UFPR

**Reitor**  
Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

**Vice-Reitora**  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Graciela Inês de Muniz

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**  
Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

**Diretor da Editora UFPR**  
Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

**Vice-Diretor da Editora UFPR**  
Prof. Dr. Alexandre André Nodari

**Diretora do MAE-UFPR**  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Pérez Gil

**Vice-Diretora do MAE-UFPR**  
Dr.<sup>a</sup> Bruna Marina Portela

**Equipe MAE-UFPR**  
[www.mae.ufpr.br](http://www.mae.ufpr.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS

BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

H673

Histórias de faxinais, volume 2 / Liliana Porto (org.) ; ilustrações :  
Felipe Sousa. – Dados eletrônicos. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2020.  
1 arquivo [39, [1] p.] : il., color.

Produção: Museu de Arqueologia e Etnologia UFPR.  
Inclui glossário: p. [40].  
e-ISBN 978-65-87448-26-8

1. Literatura infantojuvenil portuguesa. 2. Literatura portuguesa. I. Porto, Liliana, 1969- . II. Sousa, Felipe. III. Cruz Caligniana, Juan. IV. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. V. Título.

CDD: 028.5  
CDU: 869.0(81)

Bibliotecário: Arthur Leite Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-26-8

Direitos desta edição reservados à

**Editora**  
**UFPR**

Rua Ubaldino do Amaral, 321  
80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil  
[www.editora.ufpr.br](http://www.editora.ufpr.br)  
[editora@ufpr.br](mailto:editora@ufpr.br)  
2020

Esta obra foi integralmente produzida pelo

**m**  
**ae** | **museu de**  
**arqueologia**  
**e etnologia**  
**UFPR**

#### Autores

Anelise de Jesus Matias Correia (11 anos)  
Antonio Aldrey  
Elielton Fernando Ferreira Dias  
Fernanda Aparecida da Cruz (11 anos)  
Julia Sthefany dos Santos Machado (13 anos)  
Maélen Cristina Ribeiro Antunes (11 anos)  
Maria Valdirene Borges (17 anos)  
Marilene Aparecida Nunes Silva (10 anos)  
Miriã Gzesmik Borysiek (19 anos)  
Nalielton de Jesus Padilha (14 anos)  
Neilon Rafael Kinseler Prestes  
Silene Daiko (17 anos)  
Thaís Aparecida Corrêa (11 anos)  
Thalia Kovalek Weber (17 anos)  
Vaudineia Santos (16 anos)

Todos os textos que compõem este livro são as histórias originais escritas pelas crianças e jovens, tendo havido apenas revisão de português e literária, eliminação de alguns nomes e inserção de títulos naquelas que não o possuíam. A única exceção é a história A caçada, que foi composta pela junção de duas redações de autoras distintas. A equipe do projeto Histórias de Faxinais, considerando as tensões fundiárias que marcam a região do município em que o projeto foi desenvolvido, decidiu pela identificação coletiva das autoras e autores.

**ABEU**

**Associação Brasileira**  
**das Editoras Universitárias**

# Sumário

Terras de faxinal .....	6
Caminhos .....	8
As mulas do bisa .....	10
O peso da moto .....	12
Histórias de Joaquim, meu pai (62 anos) .....	14
A comunidade de Pocinhos.....	16
O rico e o pobre .....	18
O maior comerciante do Faxinal dos Ribeiros .....	22
A caçada .....	24
A carrocinha disparou .....	26
Uma história do passado.....	28
Cultivo da tradição.....	30
O bicho .....	32
Meu avô Antônio Santiago, conhecido por Junior .....	34
Tesouro da vovó .....	36
Glossário .....	40

# Terras de faxinal

Há vários anos vêm sendo ocupadas as terras de faxinal. As pessoas as ocupavam para realizar a criação de porcos, gado e aves. Com o termo "faxinal" é designado o lugar onde se criam animais soltos.

Segundo informações de antigos moradores, as pessoas vieram se estabelecer nesta região com suas famílias, com a finalidade de adquirir terras e garantir com elas o sustento da família. A grande maioria vivia em barracos, as poucas casas que existiam eram de madeira.



Todos trabalhavam nas roças, na lavoura. Nessas áreas plantam-se culturas como milho, mandioca, abóbora, batata-doce, feijão, arroz, entre outros, para o sustento da família e dos animais. Na época não existia energia elétrica e havia poucas estradas. Os moradores andavam por carreiros, os meios de transporte eram os cavalos e mulas, e andavam a pé.

A escola era muito longe e eram poucos os que estudavam devido às condições difíceis. Alguns contam que tinham que andar mais de seis quilômetros até chegar à escola, só tinham um(a) professor(a) para ensinar da 1ª à 4ª série.

Com o passar dos anos, as famílias foram se estabelecendo e procurando trazer conforto para os seus. Solicitando estradas, escolas e até mesmo postos de saúde.

# Caminhos

O senhor João Maria Domingues e a senhora Olivia Ferreira moram na mesma localidade há mais de quarenta anos. Eles me contaram que, quando eram crianças, trabalhavam na lavoura ou na roça até as onze horas.



Depois disso, pegavam seus materiais e colocavam em um pacotinho de plástico. Levavam o lanche de casa, na maioria das vezes era paçoca de pinhão e milho verde assado. Quando estavam prontos, eles se reuniam e todas as crianças iam juntas para a escola. Atravessavam banhados. Se as enchentes vinham, os rios ficavam muito cheios e nem sempre dava para ir.

Naquele tempo havia somente uma sala para todos os alunos estudarem e, muitas vezes, na hora de voltarem para casa, brigavam por motivo desnecessário. Todos os dias caminhavam quilômetros para chegar até a escola. Quando eles iam chegando na adolescência, tinham que escolher entre trabalhar e estudar. Naquele tempo, a melhor escolha era trabalhar para comer.



# As mulas do bisa

O bisa era dono de vários animais: cavalos, burros, mulas, etc. Ele usava no trabalho da roça esses animais, onde transportava os mantimentos que colhia.

No lombo dos animais, os alimentos colhidos eram trazidos em forma de cargueiros. A viagem era longa. Naquela época não existiam carros, caminhões ou outros tipos de transporte, somente animais. Também não havia estradas, apenas carreiros. A vida era muito difícil.

O bisa tinha doze filhos: Adão, Pedro (in memorian), Jorge, Alcindo, Sebastião (in memorian), Domingos, Eva (in memorian), Rosalina (in memorian), Maria Helena, Francisca e João. Os mais velhos trabalhavam com ele para ajudar no sustento da família.



Os meninos saíam de madrugada para buscar os animais no mato. Como eles não tinham calçado, faziam sapatos de palha para enfrentar a geada no tempo de inverno.

Mas os meninos foram crescendo e saindo de casa. Então o bisa, como era muito esperto e percebeu que o trabalho iria sobrar para ele, começou a ensinar as mulas a virem sozinhas. Colocou cincerros nas bichinhas. E todos os dias ele dava comida para elas, às quatro da madrugada chamava as mulas assim: "Ei, ei, ei". Onde elas estivessem, escutavam o chamado dele e vinham batendo os cincerros ao redor da casa, os outros animais também acompanhavam as mulas. Então lá estava o bisa, todos os dias, com a recompensa de suas mulas. Com essa sua ideia, não precisou mais ir buscar os animais no mato.

Algum tempo depois, o bisa acabou falecendo e as mulas também, mas até hoje os cincerros das mulinhas estão na casa de um dos seus filhos.

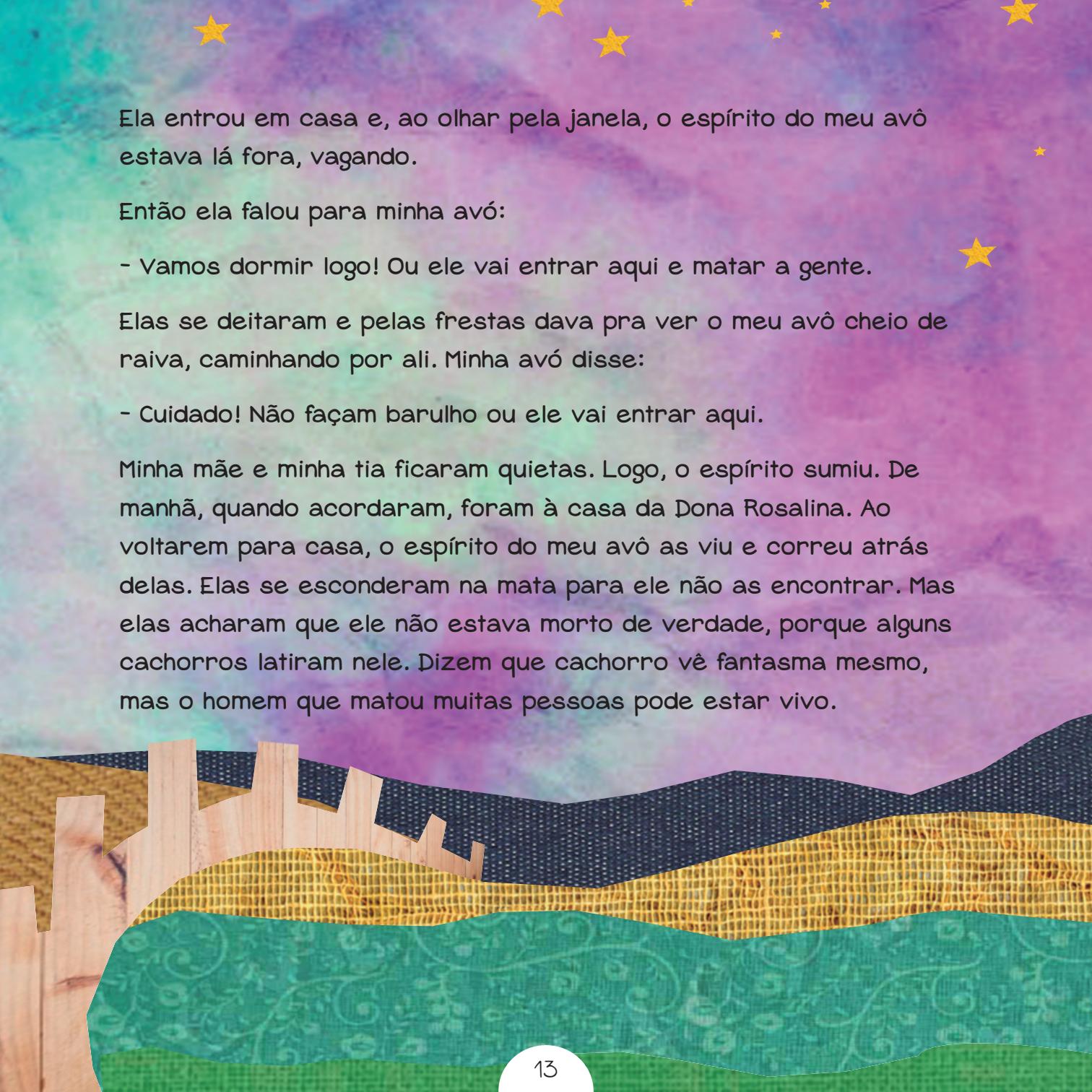


# O peso da moto

Quando minha mãe era pequena, o pai dela morreu assassinado, porque era um homem muito mau.

Anos depois, minha mãe estava voltando para casa, à meia-noite (ela tinha passado por todos os lugares que estavam cheios de barro), quando chegou perto do portão de casa, ela sentiu um peso na moto. Logo acelerou. E o peso tinha saído quando passou a ponte do Joarez, porque dizem que assombração não passa por pontes.





Ela entrou em casa e, ao olhar pela janela, o espírito do meu avô estava lá fora, vagando.

Então ela falou para minha avó:

- Vamos dormir logo! Ou ele vai entrar aqui e matar a gente.

Elas se deitaram e pelas frestas dava pra ver o meu avô cheio de raiva, caminhando por ali. Minha avó disse:

- Cuidado! Não façam barulho ou ele vai entrar aqui.

Minha mãe e minha tia ficaram quietas. Logo, o espírito sumiu. De manhã, quando acordaram, foram à casa da Dona Rosalina. Ao voltarem para casa, o espírito do meu avô as viu e correu atrás delas. Elas se esconderam na mata para ele não as encontrar. Mas elas acharam que ele não estava morto de verdade, porque alguns cachorros latiram nele. Dizem que cachorro vê fantasma mesmo, mas o homem que matou muitas pessoas pode estar vivo.

# Histórias de Joaquim, meu pai (62 anos)

Meu pai sabe de várias histórias de nosso lugar, pois ele mora aqui desde os vinte anos com sua mãe. O pai dele também morava, mas morreu quando meu pai tinha seis anos. Dos seis aos vinte anos, meu pai morou em Mato Grosso do Sul, depois voltou para cá. Meu avô trabalhava como um tipo de policial na época. Não havia muitas estradas, eram mais carreiros. Meu avô prendia alguém e amarrava as mãos dele, montava em um burrinho, levava a pessoa até lá onde é o asfalto e chamava a polícia.

Meu avô morreu de infarto no meio do mato. Ele foi correndo para atirar em um veado que os cachorros estavam caçando e morreu. Ele adorava os bailes que aconteciam no passado.



Antes era costume ter casamentos arranjados. Meu avô era casado com a irmã da vó, que tinha três filhos com ele e morreu com uns quarenta anos, e minha avó tinha doze e trabalhava de babá ajudando a irmã a cuidar dos três filhos. Quando a irmã morreu, meu avô não a deixou ir embora e teve mais oito filhos com ela. Quando ele morreu, tinha uns cinquenta e poucos anos e ela vinte. Vô Pedro Lustosa.

Meu pai contou que antes funcionavam as sapecadeiras de erva. Ele trabalhava em União da Vitória e tinha que pegar as ervas. Até hoje tem as sapecadeiras em alguns lugares, só não funcionam. Também me contou sobre os carreiros que tinha por todo lugar aqui. Tinha várias visagens, como eles dizem, que assustam muita gente. Meu pai disse que levou vários corredões nos carreiros que hoje estão esquecidos. E era difícil ter vizinhos perto como hoje em dia.



# A comunidade de Pocinhos

Em nossa comunidade existiam poucos moradores. Onde passava o Rio das Antas não havia estradas, somente passagens a cavalo. Nessa época os moradores se alimentavam de caça e pesca. Nesse mesmo rio havia vários poços onde se localizavam a maior parte dos peixes e animais que iam tomar água. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a chamar a comunidade de "Pocinhos", pelo simples fato desse rio conter vários poços. O próprio rio hoje se chama Pocinhos.

No correr dos anos, o local foi se desenvolvendo através de novas técnicas de sustento, com plantios de feijão, arroz, milho, trigo, etc. As sobras dessa produção eram comercializadas em pequenas vendas, as chamadas bodegas. A partir daí, foram surgindo estradas e esses grãos eram transportados em carroças com tração animal para as pequenas cidades, que eram Cruz Machado e Pinhão.

Hoje temos em nossa comunidade escola, igreja, posto de saúde e melhora no transporte, mas infelizmente os moradores estão diminuindo, por ser distante do comércio e com poucas oportunidades de emprego.



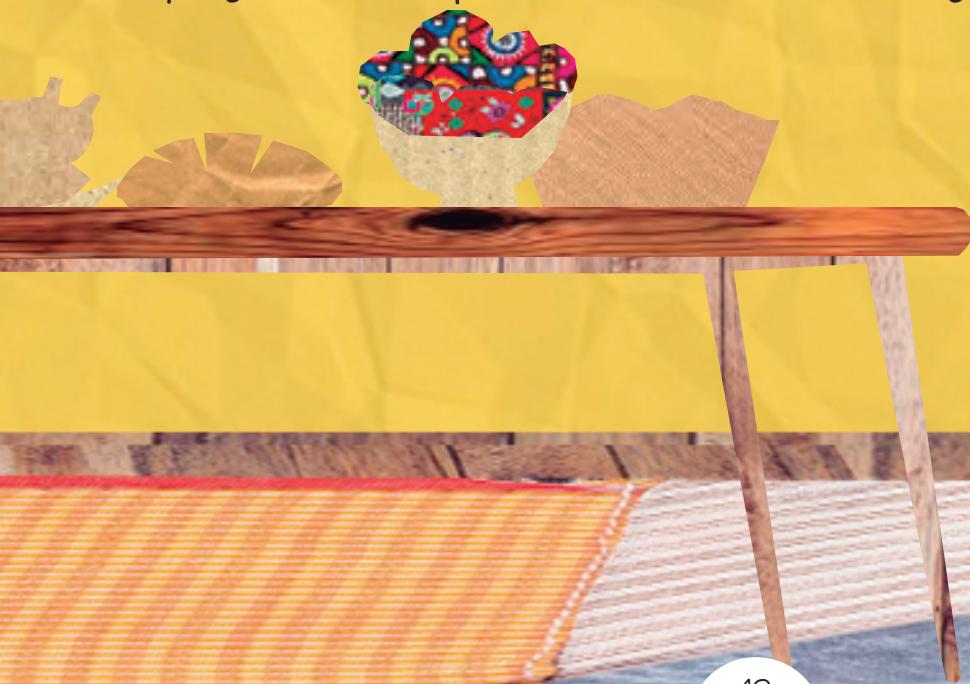
# O rico e o pobre

Era uma vez dois homens, um pobre e um rico. O rico tinha muitas coisas: comida à vontade, casarão, animais de sobra. Esse dia era um dia muito chuvoso. De tardezinha, chegou um velhinho para testar a bondade do rico. Então o rico o pegou e botou para fora, por ele estar com as roupas sujas e rasgadas.



Ele seguiu em frente, chegou em outra casa bem humilde, bateu na porta e saiu o dono, que mandou o pobre velhinho entrar na sua humilde casa. O velhinho então falou: "Eu, mesmo estando com as roupas rasgadas e sujas, o senhor me recebeu em sua casa". "Sim", disse o senhor dono da casa, "porque um dia posso chegar a essa situação em qualquer lugar e então eu ficarei muito feliz e agradecido por quem me receber".

O senhor deu roupas para o velhinho vestir, arrumou uma cama forrada e limpinha. Ele tinha só um casal de galinhas. Para preparar a janta, mandou sua esposa matar o galo. O velhinho lhe perguntou: "Por que matar seu último e único galo



para mim? Não precisa, para mim basta um pedaço de pão". O dono da casa retrucou: "Para mim é o maior prazer receber o senhor em minha casa e jantar conosco".

Eles jantaram e, após a janta, passaram a conversar. Então o dono da casa perguntou: "De onde o senhor vem, meu pobre homem?" Ele lhe respondeu: "Eu sou Jesus Cristo, que saí pelo mundo para testar a bondade do rico e do pobre. O rico, tendo de tudo, o conforto, não tem humildade, empatia pelos outros que precisam. Sabe o que ele me disse? Jamais vou acolher um velhinho mendigo para sujar a minha casa. Daí eu respondi: o senhor vai se arrepender muito por essas palavras de humilhação. Então eu segui em frente e cheguei a sua casa humilde e o senhor me tratou muito bem, me acolheu, me deu roupas limpas e uma janta maravilhosa".

Eles foram dormir. No dia seguinte, as galinhas e o galo cantaram e todos os bens do rico passaram para o pobre. O rico ficou sem nada.



Um dia, o rico mendigo chegou na casa do homem que era pobre, mas não era aquela casinha humilde e sim uma mansão muito bonita. Bateu na porta, o homem abriu e mandou que chegasse. Perguntou: "O que o traz a minha casa?" O homem que era rico respondeu: "Como o senhor ficou rico da noite para o dia?" O pobre lhe disse: "O senhor se lembra de um velhinho que foi a sua casa e o senhor não quis receber? Esse homem era Jesus Cristo, que saiu pelo mundo experimentar os corações das pessoas. Como o senhor, por ser rico, não quis recebê-lo, ele então inverteu as coisas, passando de mim para o senhor e do senhor para mim".

Fim



# O maior comerciante do Faxinal dos Ribeiros

Vou contar um pouco da história que eu sei de meu bisavô Norberto Serapio Ferreira, contada por minha mãe Giumara Cepa Ferreira Dias.

Mais ou menos em 1940, meu bisavô veio do município de Pinhão, que era chamado de Vila Nova. Ele comprou um casarão em cima desse terreno onde fica a Escola Norberto Serapio e o Colégio Izaltino Rodrigues Bastos hoje. Naquela época, meu bisavô construiu uma casa de comércio nesse casarão que ele comprou, era uma casa bem grande de madeira e coberta de madeira também.

Ele era o maior comerciante daqui do Ribeiro. Ele dirigia um caminhão dos primeiros que chegaram ao Brasil. Ia para a cidade de Guarapuava comprar mantimentos para revender aqui.

Naquela época se comprava só de saca, cereais por exemplo: arroz, trigo, feijão, etc. Também comprava erva, secava e moía no monjolo de água, que muitos de nós não conhecemos, e vendia para as pessoas fazerem o famoso chimarrão. Trabalhava buscando milho e erva na carroça puxada por cavalos.

Foi mais ou menos assim a história do meu bisavô, contada por minha mãe. Do pai dela, Norberto Serapio Ferreira Filho, o avô que eu não conheci. E essa história não tem fim, só que minha mãe não se lembra de tudo para me contar.



# A caçada

Uma certa vez, Impreto Manolibra foi e soltou os cachorros de madrugada. Os cachorros correram de cedo até de noite. De noite, o tigre trepou em uma imbuia, que é um tipo de árvore. Outro homem, ele usava uma pistola "socapaboca". Ele saiu correndo e atravessou um rio para ver a criação. Derrubou a pistola dentro da água. Dali a dois anos, ele escutou igual uma buzina, era a pistola dele que não tinha enchido de água. No fim desta caçada, ele ficou só com o facão.

O que ele teve que fazer na próxima caçada? O tigre tinha trepado numa imbuia e essa imbuia era ocada. Ele trepou atrás do tigre e perdeu a lanterna. De lá, ele caiu em cima do tigre, ou matava o tigre ou ficava lá embaixo junto com o tigre vivo. O que fez? Ele se agarrou no rabo do tigre e tacou o dedo no sovaco pra sair lá de baixo.

Nessa caçada ele se saiu muito bem.





Ele estava voltando para casa, quando perdeu o facão. Só ficou com o bocó. O bocó era feito de couro de jaguatirica. Aí encontrou outro tigre. O tigre foi para cima dele e, como tinha perdido todas as armas, correu do tigre, tropicou num cipó e caiu.

Na cabeça dele, caiu o bocó. Foi naquele momento que ele disse:

- Coma, tigre, mas coma um homem.

Gritou várias vezes. Seu compadre escutou os gritos, foi ao encontro dele, chegou e viu um bocó em cima do homem. O compadre disse:

- Compadre, não é o tigre. É o bocó.

O outro, que estava com muito medo, retrucou:

- Atire no bicho!

- Não é o bicho, é o bocó!

Terminou a caçada e o compadre levou o homem para casa. Mas ele gritava: "O bicho, o bicho!".

A história da caça virou uma lenda.

# A carrocinha disparou

Com a caneta e o papel na mão, escrevo a história que meu querido avô narrou. É uma história real e chamativa para os dias de hoje.

No tempo em que meus bisavós fugiram das guerras e vieram da Polônia, meu avô José ainda era criança, de sete a oito anos. Eles precisavam trabalhar para sobreviver. José já precisava frequentar uma escola e não tinha outra. A mãe de José arranhou uma mochila de uma fazenda que naquele tempo chamavam de flanela. José passou a ir para a escola, ele ia descalço por oito quilômetros, abaixo de geada, por carreiros de cavaleiros, muitas vezes gripado com um resfriado que até hoje traz consequências.



Passado um tempo, a mãe de José ficou responsável de fazer o lanche para os alunos da escola. Ela preparava um saco de lanche, colocava em uma carroça e seguia até a escola, todo dia era assim. Mas certo dia ela preparou o lanche, pôs na carroça e, no meio do caminho, a carroça perdeu o controle e corria sem parar.

Diz meu avô que a carroça disparou devido a alguns bugres que ficavam à beira da floresta e faziam micagens, levando a que os cavalos se espantassem. A mãe de José pulava na carroça, o lanche derramava. Diz meu avô que muitas vezes isso acontecia. A vida deles era sofrida, mas nunca deixavam de lutar, sempre esperando o melhor.

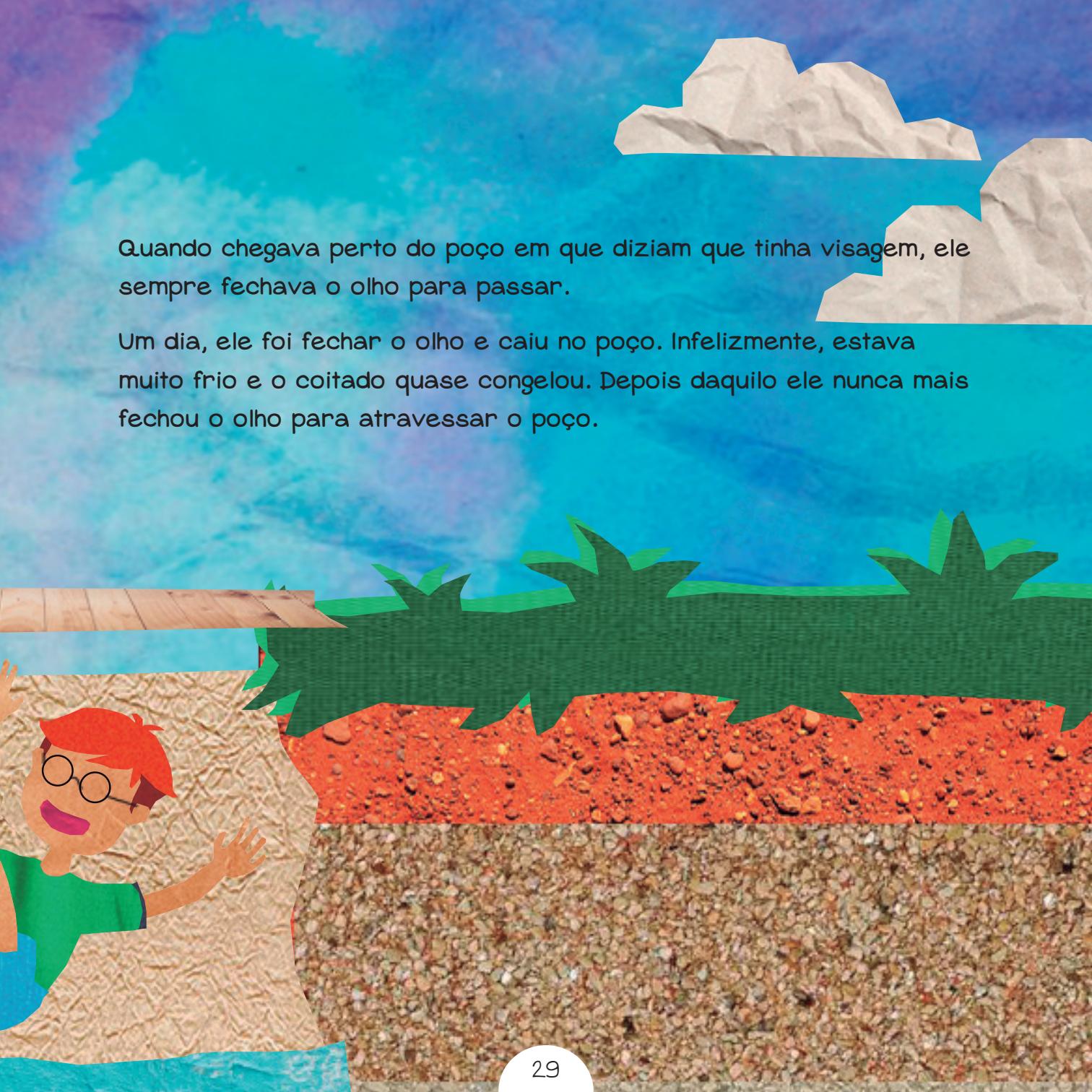


# Uma história do passado

Um dia, meu tio e avô da Carol, ele era muito medroso e gostava de sair à noite.

No tempo passado, os antigos falavam bastante em visagens. Que existiam. Ele tinha muito medo. Ia para os bares à noite e onde ele passava diziam que tinha visagem naquele lugar. Perto desse lugar tinha um poço muito fundo e precisava passar em cima de uma ponte.





Quando chegava perto do poço em que diziam que tinha visagem, ele sempre fechava o olho para passar.

Um dia, ele foi fechar o olho e caiu no poço. Infelizmente, estava muito frio e o coitado quase congelou. Depois daquilo ele nunca mais fechou o olho para atravessar o poço.

# Cultivo da tradição

No tempo em que eu era criança era assim: quem não queria estudar, trabalhava! Na minha infância estudei somente até o segundo ano. Perdi meu pai muito cedo e optei por trabalhar para cuidar da minha mãe e defender o sustento da casa. Éramos em treze irmãos. Eu, mesmo sendo mais novo, trabalhei a minha vida inteira. Morávamos no Faxinal dos Coutos, onde criávamos ovelhas, gado, porcos, jumentos.

Fazíamos enormes plantações às margens do Rio Iguaçu, onde o meio de transporte era a tropa de mulas que carregavam cargueiros transportando milho, feijão e frutas.

Fazíamos plantações de mandioca para fabricar farinha e polvilho na tafona para o sustento da casa.



Minha mãe assava bolo de polvilho na fôrnalha. A fôrnalha também era usada para secar erva para chimarrão. Também fazíamos açúcar, melado e doces como rapadura e outros, tudo da cana-de-açúcar moída no engenho.

Foi uma vida dura, mas cultivo até hoje a tradição de meu pai. Depois que me casei, vim morar no Faxinal dos Ribeiros. Sou pai de três filhas e tenho uma neta, duas formadas em professoras e outra fazendo curso de estética. A mais nova está no caminho certo e, se Deus quiser, ela terá seu diploma. Quem sou eu?

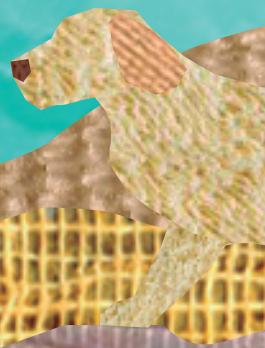
José Carlos de Paula Corrêa, um homem realizado em minha vida!



# O bicho

Meus pais nunca moraram em barracos. Eles só paravam para trabalhar com a erva-mate. Eles pararam em muitos lugares, nem lembram mais quantos. Já pararam em Cruz Machado e lá tinha muitos leões e onças.

Meu pai saía para caçar à noite. Uma vez, ele saiu e se perdeu, estava bem longe e não conseguia voltar. Viu um bicho trepado em uma árvore e não sabia o que era. Atirou, o bicho caiu e os cachorros foram atrás. Ele arrancou os olhos de um dos cachorros e matou o outro, e até hoje meu pai não sabe o que era aquele bicho. Daí meu pai foi atrás do bicho e de repente começou um vento muito forte, parecia que era Deus que estava avisando que não era para ir, aí ele não foi.



Meu avô e meu tio encontraram meu pai, eles voltaram para o barraco, mas todo dia à noite o leão ficava andando por ali.



# Meu avô Antônio Santiago, conhecido por Junior

Meu avô conta que veio morar aqui no Faxinal dos Ribeiros ainda pequeno. Disse que era mais sofrido para ele e os seus irmãos, que precisavam trabalhar na roça dia a dia para não faltar alimento. Para ir buscar os alimentos era muito difícil também, percorriam vários quilômetros, às vezes anoitecia no caminho. Tinham que dormir fora, passando frio, fome, mas sempre voltavam para casa.



Havia muito poucos vizinhos, mas cada vizinho tinha em média cinco crianças. Costumavam fazer festas, São Gonçalos, etc. para se divertirem. Tinha também o tal de puxirão, em que trabalhavam em grupo durante o dia e à noite faziam um baile para todos se divertirem e distraírem.

Nos finais de semana, todos iam para a igreja. Depois, um grupo de famílias fazia almoço e entregavam aos vizinhos para almoçarem e se distraírem à tarde.



# Tesouro da vovó

Há muitos anos atrás, um casal pobre com o primeiro filho ainda bebê saiu de sua terra natal chamada Piqueri (Paraná). Estavam à procura de um lugar para morar, construir seu patrimônio e, por que não, aumentar sua família! Seu Tadeu (meu avô), um homem destemido e com muita vontade de viver, ao lado de Wanda (minha avó), uma mulher forte, batalhadora, juntaram suas coisas. Eram tão poucas! Uma pequena "trouxa" de pano com algumas peças de roupas, um baú de madeira, onde estava o tesouro da vovó, a máquina de costura que era de sua avó. Assim, carregaram sua bagagem em uma carroça de madeira com tintura verde, traçada por dois fortes cavalos, saíram mundo afora à procura de um lar.

Após alguns dias de viagem, chegaram a seu destino! Três Barras, localidade com poucos habitantes, ao redor matas e animais peçonhentos (cobras). Não tinham recurso algum para começarem a vida, mas a vontade e a coragem fizeram com que meus avós transformassem



aquela pequena casinha no meio do mato em um alicerce para construir uma família e seu patrimônio.

Naquela época não existiam carros, nem motosserras. Não havia nem roupas feitas: vovô comprava tecidos para vovó fazer roupas para eles. Viviam em meio à humildade. Vovó teve dez filhos, nem roupas o suficiente para todos tinha: vovó desmanchava seus poucos agasalhos de inverno para fazer roupas para seus filhos.

Os filhos mais velhos iam trabalhar nas lavouras de trigo, junto com vovô e vovó... sim, aqueles pequenos em meio a quilômetros de trigo para ceifar. A geada deixava seus pés descalços dormentes.

Assim se passavam meses: as crianças menores ficavam em casa, cuidando dos bebês, tratando dos animais, lavando roupa, mas isso era enquanto não estavam na escola, que era a quilômetros de casa. Os pequenos levantavam de madrugada, preparavam seus lanches (batata-doce assada), saíam ao raiar do sol para chegar a tempo do começo da aula.



Todos tinham um pequeno caderno, um lápis preto e uma borracha que eram carregados com muito carinho em pacotes de trigo ou açúcar, ou até panos velhos que vovó transformava em "mochilas". Assim iam os pequenos todos de pé no chão, não importava chuva, sol ou geadas.

Depois de um certo tempo, a comunidade de Três Barras (Faxinal dos Silvérios) começou a ganhar forma. Matos foram derrubados para fazer roças para cultivar feijão, arroz, milho, que eram só para consumo próprio. Também precisavam de novas estradas para que os carroceiros trafegassem. Então todo mundo pegou seus enxadões e picaretas e abriram novas estradas a trabalho braçal. As matas derrubadas, além de servirem para roças, tinham sua madeira utilizada para casas, cercas, galinheiros etc.



Na época de colheita, faziam mutirões, onde todos se reuniam e colhiam as plantações de todos. Quando se aproximava o Natal, os pais das famílias preparavam suas carroças enchendo-as de trigo, encilhavam seus cavalos e partiam para a cidade. Vendiam seu trigo e compravam tecidos, café, açúcar e alguns doces para as crianças comemorarem o Natal. No dia de Natal, todos rezavam juntos antes do café da manhã. Vovó assava carne e preparava pão de fofinho, linguiça de porco. Assim reuniam-se família e amigos e almoçavam. Depois, as crianças saíam para brincar pelos quintais. As meninas usavam vestidos de "chita" (pano fino e ralo), os meninos camisas de botões, calças meia canela. Todos sempre descalços.

E é assim que começou Três Barras, onde moramos no mesmo terreno até hoje. Eu e meus tios. Dos meus avós só resta a saudade e as lembranças das encantadoras histórias por eles contadas.

# Glossário

**Barraco:** habitação precária, muitas vezes construída com madeira e lona plástica.

**Bocó:** bolsa a tiracolo feita de couro e sem tampa, usada para carregar arma e munição, colheita da roça, pedra, etc.

**Bodega:** pequeno estabelecimento ou armazém.

**Bugre:** outra denominação para índio, que em alguns contextos pode adquirir caráter negativo.

**Cargueiro:** forma de transporte com o uso de grandes cestos pendurados em uma cangalha (artefato de madeira ou ferro, acolchoado) presa ao lombo do animal.

**Carreiro:** caminho estreito utilizado para passagem de pessoas e animais.

**Ceifar:** cortar cereais ou ervas com o uso de foice.

**Cincerro:** pequeno sino que se prende ao pescoço dos animais e cujo som serve para guiar e reunir a tropa.

**Chita:** tecido de algodão fino com estampas florais e cores fortes.

**Erva:** erva-mate.

**Encilhar:** colocar arreios em um animal, preparando-o para cavalgá-lo.

**Faxinal:** palavra que se refere simultaneamente ao ambiente das florestas de araucária e ao sistema de vida e produção dos povos tradicionais que habitam essas florestas, caracterizado por uma articulação entre criação animal à solta (em compáscuo), extrativismo de baixo impacto e lavouras fechadas por cercas ou em áreas descontínuas.

**Fazenda:** tecido.

**Fornalha:** forno de pedra para assar pães, bolos, broas e secar erva-mate.

**Imbuia:** espécie de árvore de tronco largo e madeira de lei.

**Micagem:** gesticulação de movimentos amplos, imitando micos.

**Monjolo:** estrutura de madeira movida por água ou pelos pés utilizada para socar grãos (espécie de pilão de grandes proporções).

**Ocada:** oca, vazia por dentro.

**Potreiro:** lugar pequeno com água e pasto, cercado, utilizado para recolher os animais e mantê-los em segurança.

**Puxirão:** denominação local de mutirão, trabalho coletivo solidário em geral retribuído com alimentação e festa.

**Sapcadeira:** local em que é sapecada com fogo a erva-mate antes que ela seja enviada para secagem.

**“Socapaboca”:** arma de fogo antiga cujo sistema de carregamento se dá através do cano de saída, ou seja, pela “boca”.

**Tafona:** moinho movido a água utilizado para moer mandioca e fabricar farinha, polvilho e raspa. Também conhecida como atafona.

**Visagem:** termo utilizado para se referir a assombrações, fantasmas.

Agradecemos a Hamilton José da Silva e Neuza Maria Amaral Camargo Almeida o auxílio na construção de alguns verbetes.

## **Crianças e jovens que participaram com textos e objetos do projeto**

Adrian Pablo Camargo Oliveira (15 anos)  
Adriele Bueno Kinceler de Paula (10 anos)  
Alan de Siqueira (15 anos)  
Alfredo Alves Fernandes Junior  
Amanda Aparecida Ramos dos Santos (13 anos)  
Ana Carolini Silvério Siepmann (13 anos)  
Anderson Cavalheiro Ortiz (13 anos)  
Andressa Fermينو  
Anelise de Jesus Matias Correia (11 anos)  
Antônio Aldrey de Lima  
Bruno Moraes Silvério Caldas (11 anos)  
Claudineia A. Santos (16 anos)  
Crislaine Brandine Camargo (15 anos)  
Daniel Vieira Amaral  
Davi José dos Santos (15 anos)  
Eduardo Padilha Fernandes (13 anos)  
Edilson de Jesus França (11 anos)  
Elielton Fernando Ferreira Dias  
Eliseu da Silva Santos (15 anos)  
Everti Ferreira de Lima (10 anos)  
Fernanda Aparecida da Cruz Ferreira (11 anos)  
Géssica Fernanda Machado Mendes (18 anos)  
Jader Kauan Nunes (11 anos)  
Jaine Ramos (17 anos)  
Jéssica Kinceler Siepmann (13 anos)  
João Guilherme Gonçalves da Silva (11 anos)  
João Vítor Camargo Diniz (16 anos)  
Jocélia Kinceler Prestes  
Joice Aparecida dos Santos Carvalho (16 anos)  
Josiele da Silva Marçal (20 anos)  
Julia Sthefany dos Santos Machado (13 anos)  
Karine Firmino de Lima (12 anos)  
Kauê Vilmar Almeida de Oliveira (15 anos)  
Ketlin Vitória dos Santos Oliveira (14 anos)  
Lays de Oliveira Camargo (11 anos)  
Leandro Campos da Cruz (14 anos)  
Lucilene Nunes de Freitas (19 anos)  
Maélen Cristina Ribeiro Antunes (11 anos)  
Marcos Fernando (12 anos)  
Maria Alice Liber de Oliveira (13 anos)  
Maria Angélica Camargo Oliveira (13 anos)  
Maria Eduarda Camargo Caldas (12 anos)  
Maria Eduarda Repzuk Boeira  
Maria Valdirene Borges (17 anos)  
Marilene Aparecida Nunes da Silva (11 anos)  
Marinaldo Domingues (17 anos)  
Miriã Gzesnik Borysuk (19 anos)  
Nalielto de Jesus Padilha (14 anos)  
Neilon Rafael Kinseler Prestes  
Neuciane Santos Lima (13 anos)  
Pâmela Mendes Fagundes (11 anos)  
Paola Fernanda Ferreira Cerenz (14 anos)  
Patrícia Ferreira Meira (16 anos)  
Pedro Augusto Ferreira Kinceler  
Rafael Padilha de Lima (12 anos)  
Rafaele França da Silva (11 anos)  
Raissa Oliveira de Lima (12 anos)  
Regiane Maria de Oliveira (16 anos)  
Renan Santos de Siqueira (11 anos)  
Samuel Silva Freitas  
Silene Daiko (18 anos)  
Tainara da Silva Santos (13 anos)  
Talita de Oliveira Ramos (11 anos)  
Tatiele Santos Alves (13 anos)  
Thalia Kovalek Weber (17 anos)  
Thaís Aparecida Corrêa (11 anos)  
Vitor Emanuel Gonçalves da Silva  
Vitor Silva Freitas  
Vitor Vinícius Alves de Oliveira (12 anos)  
Weiglas Vinícius Camargo de Paula  
Wellinton Gabriel Ribeiro de Macedo (12 anos)

## **Membros da comunidade cedentes de objetos para a exposição**

Antônio e Jocinei Macedo de Siqueira  
Dominguinhos Ferreira  
Elfrida Siepmann  
João Lima  
João Wilmar de Oliveira  
Júlia Maria Vieira  
Maria Onória Moraes Santos  
Pedro Verbanek  
Sílvio Matias  
Vanda Augusto Machado

**Coordenadora do Projeto História de Faxinais**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliana Porto

**Pesquisa**

Prof.<sup>a</sup> Alexandra Vanessa Portella (SEED/PR - Coordenação local de pesquisa)

Me. Ana Luisa de Mello Nascimento (Museóloga MAE-UFPR)

Douglas Fróis (Fotógrafo MAE-UFPR)

Prof.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Padilha (CRC Izaltino Bastos - História)

Amanda Luiza de Souza (Bolsista - Ciências Sociais)

Rafaelle Cristina dos Santos (Bolsista - História)

Rodrigo Marcondes Vieira (Bolsista - Ciências Sociais)

**Arte Conceitual**

Vinícius Tumelero de Oliveira (Bolsista - Design)

**Ilustrações e Projeto Gráfico**

Jonata Felipe de Sousa (Bolsista - Design)

**Revisão técnica**

Prof. Me. Juan Cruz Galigniana

**Revisão literária**

Líria Porto

**Produção Cultural**

Me. Fábio Luís Gasparello Marcolino (Produtor Cultural MAE-UFPR)

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHÃO**

**Prefeito**

Odir Antônio Gotardo

**Vice-prefeito**

Beraldo Nunes Amaral

**Secretária de Educação e Cultura**

Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Oliveira Santos

**Diretora do Departamento de Cultura**

Danieli Aparecida Lima

**Professora da Equipe Pedagógica  
da Secretaria de Educação e Cultura**

Prof.<sup>a</sup> Neuza Maria Amaral de Carmargo Almeida

**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO  
PROF. IZALTINO RODRIGUES BASTOS**

**Diretora**

Prof.<sup>a</sup> Selma do Belém Caldas

**Pedagoga**

Prof.<sup>a</sup> Marli de Fátima Oliveira

**Professora de História**

Prof.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Padilha

**Equipe do C.E.C. Prof. Izaltino R. Bastos**

Adriana Aparecida Padilha

Alisson Nunes de Oliveira

Bianca Karine B. dos Santos

Bruna Aparecida Ferreira

Celso Baldoino Ribas

Dejani Inês Varnier

Edenise Aparecida Oliveira dos Santos

Edvilson Luiz Santos

Eliandro José Padilha

Everton Albari Santos

Janete Ferreira da Rosa

Jaqueline Vujanski

Jean Tonin

João Manuel de Lima

Jossiane Camargo Gomes

Kristoffer Braiam Fabricio

Leidiane Baitel Antunes

Luciana Zampieri

Luciano Matulle

Maria Roseli Albigaus Fabricio

Marli de Fátima Oliveira

Patricia Martins Oliveira

Paulo Roberto da Silva Portella

Selma do Belém Caldas

Soeli Cândida Oliveira de Paula

Vandir Orzechowski

Vanessa Letiza Muller

Vanusa Pereira dos Santos

Wiviane Machado Jesbick



**museu de  
arqueologia  
e etnologia  
UFPR**

**MAE PARANAGUÁ: (41) 3721-1200**

**RUA XV DE NOVEMBRO, 575 – CENTRO HISTÓRICO, PARANAGUÁ**

**DE TERÇA A DOMINGO, DAS 8H ÀS 20H**

**MAE RESERVA TÉCNICA: (41) 3313-2042 / (41) 3313-2045**

**MAE@UFPR.BR**

**RUA BOM JESUS, 650 – JUVEVÊ, CURITIBA**

**DE SEGUNDA A SEXTA, DAS 7H30 ÀS 19H30**

**MAE SALA DIDÁTICA-EXPOSITIVA**

**PRÉDIO HISTÓRICO DA UFPR – PRAÇA SANTOS ANDRADE,**

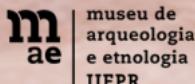
**CENTRO, CURITIBA.**

**[www.mae.ufpr.br](http://www.mae.ufpr.br)**

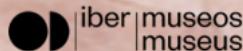
Segundo volume de contos escritos por estudantes do Colégio Estadual do Campo Izaltino Bastos, situado no Faxinal dos Ribeiros - Pinhão/PR, e produzidos no desenvolvimento de projeto de mesmo nome premiado na 8ª edição do Prêmio Ibermuseus de Educação. Como inspiração, histórias a eles contadas por avós, pais, mães, tias e tios, outros adultos próximos. Abordam distintos temas e perspectivas do passado local transmitidos aos jovens.

Nós do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná esperamos que através deste segundo volume seja possível conhecer um pouco mais do rico mundo dos faxinais do Centro-Sul do Paraná - das trajetórias familiares, dos encantamentos, das brincadeiras, do orgulho pelo passado e desejo de sua continuidade no futuro. Bem como das tensões e conflitos que marcam a história e o presente desses povos tradicionais do interior paranaense.

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO



Projeto premiado na 8ª edição do Prêmio Ibermuseus de Educação

APOIO:

Secretaria Municipal de  
Educação e Cultura

